

HISTÓRIA DO ESPAÇO, ESPAÇO DA HISTÓRIA: Reflexões sobre o papel da história no processo e no ensino de projeto de arquitetura

History of Space and the Space of History: the role of history in architectural design and teaching



Camilo Vladimir de Lima Amaral



Adriana Mara Vaz de Oliveira

Resumo

A integração do conteúdo das aulas de história da arquitetura com a prática de projeto tem sido um grande desafio aos cursos de arquitetura e, em geral, tem sido um desafio sequer formulado. Na prática cotidiana dos cursos, as disciplinas de história e projeto mantêm-se confortavelmente confinadas e disciplinadas em seus recintos, desconectadas entre si, apartando a reflexão histórica do processo projetual. Algumas perguntas se colocam como objetivos a serem perseguidos por este artigo: porque um arquiteto deve estudar história? Como pode ele utilizar esse conhecimento teórico na sua atuação prática? Qual atitude deve-se esperar de um projetista frente à história? Este texto explora uma proposta de integração entre os campos disciplinares da história e do projeto de arquitetura, utilizando como metodologia uma reflexão epistemológica sobre o sentido da história, sua historicidade e sua aplicação no projeto. Esse percurso abre-se para a avaliação sistemática de exercícios projetuais executados por alunos, em disciplina de projeto de arquitetura, cuja interlocução com a história foi perseguida. A experiência revela que associar ensino e pesquisa pode construir novas perspectivas sobre temas clássicos da arquitetura, e aponta caminhos para estudos posteriores. Buscar a integração de conhecimentos de áreas tradicionalmente organizadas de forma dissociada, também, demonstra possibilidades de inovação para o campo do conhecimento e para a produção arquitetônica. Uma reflexão rara no círculo arquitetônico que repete, sistematicamente e irrefletidamente, modelos de pensamento construídos para contextos históricos absolutamente diferentes do nosso.

Palavras-chave: ensino, projeto de arquitetura, história, campo disciplinar, prática cotidiana, experiências

Abstract

Integrating the content of architecture history classes with design practice has been a major challenge to architecture courses and, usually, it has not been a subject of discussion. In the daily practice of the courses, the topics of history and design remain comfortably confined and disciplined in their premises, disconnected from each other, separating historical reflection from the design process. A few questions arise as goals to be pursued by this article: Why should an architect study history? How can he use this theoretical knowledge in his practical work? What attitude should be expected from a designer towards history? This text explores a proposal of integration between the disciplinary fields of history and architectural design, using as methodology an epistemological reflection on the meaning and historicity of the concept of history, and its application in the design process. Furthermore, we analyze student design exercises aiming to dialogue with history. This experience shows that linking teaching and research can build new perspectives on classical architectural themes and points the way for further study. Seeking the integration of these disciplines also demonstrates possibilities of innovation for architectural knowledge and production. A rare reflection in the architectural field that systematically and thoughtlessly repeats models constructed for different historical contexts.

Keywords: *teaching, architectural design, history, disciplinary field, daily practice, didactic experiences.*

INTRODUÇÃO

O termo disciplina tem mais de uma origem, modificando seu sentido e significado ao longo da história. Como termo latino, vindo do grego *mathema* (estudo, ciência, conhecimento), designa uma ciência enquanto objeto de aprendizagem ou de ensinamento (BRANDÃO, 2009, p.29). Já segundo Fagundes e Burnham (2001, p. 41) o termo foi inicialmente usado para indicar os discipuli de um determinado mestre ou escola, passando ao longo do tempo a designar o ato de aprender, seguir uma doutrina até conotar o ensino-aprendizagem em geral. A idéia de disciplina passa a equivaler a uma institucionalização do saber – através das universidades – e a uma organização do ensino regida segundo critérios de coerência (próprios da lógica racional e positiva) em um conjunto de enunciados e conteúdos referentes, cada um, a uma parte do conteúdo científico, passíveis de serem transmitidos.

Por um lado, é interessante notar que a universidade é uma instituição que surge a partir das corporações medievais, e destas herdamos o papel de controlar e organizar o trabalho, definir atribuições, o processo de treinamento e quem está habilitado para exercer uma determinada atividade, defendendo em seu interesse o monopólio desta (COÊLHO, 2005). Assim, submete os discípulos a um processo de retificação do pensamento e controle de suas atividades. Isto é, também, uma forma de manutenção e hierarquização, onde o mestre está sempre no controle da maneira de atuar.

Esta atitude se mantém presente até os dias de hoje como uma forma de controle e manutenção de poder. Mesmo ao longo da formação da sociedade moderna, em que se rompia com as antigas normas da tradição, novas formas de controle da alteridade de pensamento foram sendo instituídas. Assim, a racionalidade moderna recria a forma de organização e divisão do trabalho, tornando-o mais eficiente e mais controlado, ao mesmo tempo que intensifica a eliminação da pluralidade de visões e a autonomia dos discípulos na formulação de um saber cada vez mais instrumentalizado. Esta organização se reflete no controle e na manipulação das relações e trocas entre mestres e discípulos, através de uma ação implícita no próprio sistema de conhecimento, em que o sujeito incorpora dentro de si o opressor de sua própria liberdade, agindo sob normas de conduta e princípios de verdade que são uma camisa de força previamente digerida (FOUCAULT, 2005).

Por sua vez, o corpus disciplinar específico da Arquitetura molda-se nos tratados do Renascimento. Segundo Brandão (2009, p.30), “ao dar uma dimensão intelectual e científica à Arquitetura, a teoria desdobra-se como crítica, como história e como corpo de saber estabelecido e universal a enformar, criticar, parametrizar, dar sentido e

servir como alteridade para a prática empírica, e vice-versa”. Por um lado, este procedimento distanciou a disciplina dos procedimentos oficiais e técnicos das corporações da Idade Média, libertando o pensamento de antigos sistemas disciplinares. Por outro lado, nos aproximou da realidade das cortes dos príncipes (do período de Maquiavel), o que moldou outros sistemas de regulação e hierarquização, que ao longo dos anos deu base à razão unidimensional (MARCUSE, 1967), à razão instrumental (ADORNO e HORKHEIMER, 1996), à razão abissal (SANTOS, 2007) e, mesmo, à razão terrorista (LEFEBVRE, 1991), tão presentes em nosso dias.

É dentro desta herança (histórica) que as disciplinas de “história da arquitetura” e as disciplinas de “projeto de arquitetura” se tornaram verdadeiros campos minados, com suas fronteiras guarnecidas e controladas, com cada parte lutando para defender seu território. É preciso, portanto, recriar a integração destes conhecimentos, explorando o potencial criativo que a história traz para o processo de projeto nos dias de hoje. Para isso, é preciso romper as fronteiras das disciplinas, até transformar seus traços disciplinadores em um processo crítico de autopoiesis.

HISTÓRIA DA HISTÓRIA

Percorrer os caminhos da história não significa aclamá-la, pois ao perceber a historicidade do próprio conceito de “história” (FOUCAULT, 2005, p. 271), pode-se compreender como ela cumpriu diferentes papéis na construção do saber e do destino humano. Além disso, a História, nos seus múltiplos vieses, encerra um pouco de cada um, principalmente quando a memória torna-se objeto do conhecimento histórico.

Não foi por acaso que a História se consolidou ao longo do século XIX como a “Ciência Mãe”. Isso ocorreu em função do próprio desenvolvimento da era moderna, em que a aceleração das mudanças, o fluxo da sucessão de idéias e de formas sociais fizeram essa disciplina (responsável por compreender as mudanças no tempo) aparecer “com toda a majestade da grande ciência” (LEFEBVRE, 1971, p. 17). De Hegel a Braudel, foi esse saber que conseguiu gerar sentido à vertigem da substituição da tradição. Portanto, a História, enquanto representação da mudança, invadiu várias áreas da ciência: da história da filosofia da ciência à história das religiões, da história da evolução das espécies à história do universo. Construir estas histórias foi, ao seu tempo, o modo principal de interferir na realidade: compreender suas verdades e propor alternativas. Porém, há muito, a história já não goza desta majestade, vivemos sua “grande decepção”, a “revolução não trouxe a liberdade, mas sim outras modalidades

de opressão” (LEFEBVRE, 1971: 229-230). É preciso repensar a história da história, sua utilização e suas metodologias, para construir um novo papel a ela no mundo contemporâneo.

A filosofia da história nasce com Voltaire, a partir de “um pequeno número de princípios invariáveis’ que davam à história certa unidade” e, como no mundo newtoniano, podia se compreender como os homens viviam “num mundo estático de leis eternas, de modelos perfeitos” que geravam um sentido geral ao império do costume, tão vasto quanto o das aparências da natureza (BAUMER, 1990, p. 175, 176). Porém, o procedimento de Voltaire já é uma ampliação das noções etnocêntricas da história, pois tratava-se de uma “nova espécie de história universal [...] com capítulos sobre a China, a Índia, a América, etc.” (BAUMER, 1990, p. 182).

Assim, a história foi construída considerando as outras sociedades como uma evolução à parte da Europa, mas seu sentido era canibalizado por sua visão central:

Uma história ‘causal’, ligação racional e conhecimento objectivo de causas históricas, ciência tendo por objecto factos encadeados segundo leis e constituindo séries bem determinadas, nunca passou de uma caricatura da história: uma física social (tendo por modelo, como na época de Saint-Simon, a física do século XVIII). Esta concepção abastardada, que se dizia objectiva, permitia ao historiador tecer a história, escolher a trama e o encadeamento, seleccionar as séries causais segundo a sua ideologia, o seu gosto, numa palavra, a sua subjectividade. Daí a [...] oscilação entre o positivismo e o subjectivismo (LEFEBVRE, 1971, p. 185)

A ascensão definitiva da história se dá com a retomada da dialética empreendida por Hegel, que permitiu gerar sentido para o movimento contraditório das sucessões de idéias e valores humanos. A contribuição posterior de Marx foi: a inclusão da situação concreta nas percepções da história; a busca por estender a história e a construção da verdade ao mundo da práxis; o entendimento da historicidade das estruturas sociais (conceitos e relações); a união entre a sociologia e a economia; o entendimento das tensões internas que movem os sistemas sociais; a história como um instrumento para a construção concreta de um destino melhor para os homens (HOBSBAWN, 1998).

É neste sentido que Jacques Rancière (1994) concebe uma inseparabilidade entre o discurso (histórico), a política e a ética. No seu livro “Os Nomes da História - Um Ensaio de Poética do Saber” , ele começa a construir o entendimento de que existem várias formas de história, todas elas envolvidas com intenções éticas e com uma forma

de conceber e imaginar o passado e o futuro do homem. Por isso, considera a substituição da “Crônica dos Reis” por uma história movida pelas massas, cuja disseminação veio através da figura de Marx (1852) e se desenvolveu pela “Escola dos Annales” (de Lucien Febvre e Fernand Braudel, a Michel Foucault e Jacques Le Goff), como uma reviravolta na forma de entender o desenrolar dos fatos humanos.

Mesmo antes do século XX, a Historiografia Romântica já incluía a vida corriqueira na construção dos fatos, mas, o fez a partir de seus porta-vozes, os revolucionários e líderes (letrados iletrados), ou então, como na historiografia clássica, fazia os personagens do povo falar através de sua linguagem (a língua erudita), a única com direito à verdade. Segundo Rancière (1994), esta historiografia, de início, já desqualifica estas outras vozes, como desprovidos do conhecimento da ordem, desprovida da verdade dos fatos por trás das aparências tolas, atuando como agentes cegos à sua própria virtude, e não como motores da história. A Nova História seria, portanto, uma inversão da relação aparência (fatos corriqueiros insignificantes) e a verdade histórica (o que a move). Rancière propõe a figura do Oceano como metáfora à história: na superfície as ondas turbulentas são o que movimentam e transformam as águas de agitadas a calmas (o aparente é a mobilidade), enquanto na profundidade, submersa no status quo, reina a calma.

Assim, o empreendimento da Escola dos Annales não é simplesmente procurar dar voz àqueles que estão excluídos dos círculos eruditos, mas também colocá-los como o movimento que destrói a hierarquia estabelecida, e amplia o espaço político, ou seja, instituindo novos espaços onde as vozes de diversos representantes de um momento histórico podem ser ouvidas e gerar sentido para o mundo em que se vive. Para estes autores, fazer história seria o procedimento de trazer de volta à vida as falas daqueles que já não estão mais presentes, trazer à tona seus atos fundadores, que reconstróem incessantemente o espaço vivido.

A concepção destes novos motores da história tem especial importância a partir de dois aspectos do mundo contemporâneo: de que existe um movimento da realização do capital que sai da esfera da produção (o chão da fábrica) e se desloca para o âmbito da reprodução (a acumulação se realiza e depende cada vez mais do direcionamento e potencialização do consumo) (LEFEBVRE, 1991); e que é possível conceber um movimento dialético da realidade (que Lefebvre chamou de dialética da tríade) que parte dos chamados “particularismos” (movimentos vinculados a questões particulares, como raça, gênero, etnia, meio ambiente, habitação e, outrora, condições de trabalho fabril) e se estende a um grau de abstração “universalista”, um “infinito no finito”, onde a luta de poucos pode ser concebida como a “salvação de todos” (ver Har-

vey, 2000), cada uma contribuindo à sua maneira para o movimento global (entendido em uma multidimensionalidade) da realidade.

Essas novas formas de construções historiográficas que surgem no século XX e aprofundam-se desde então (cf. GRAMSCI, s.d.; SINGER, 1998; ESCOBAR, 2004; SANTOS, 2007), permitem a construção de perspectivas diversas, ampliando a pluralidade daqueles que são ouvidos. A história do cotidiano, a história das mulheres, das crianças, entre outras, possibilitam aproximações com outras disciplinas e, entre elas, com a Arquitetura.

O ESPAÇO NA HISTÓRIA

Autores como David Harvey, Edward Soja e Manuel Castells têm empreendido uma transformação da história inspirados na teoria da relatividade de Einstein. Pois, se na física foi proposta uma inseparabilidade do tempo e do espaço, como poderíamos compreender as mudanças sociais e culturais no tempo, sem refletir sobre suas implicações no espaço?

Neste sentido, Soja propõe um materialismo histórico-geográfico (com muitas referências a Foucault e Lefebvre) que visa não só atender a uma exigência positivista (descrever melhor o mundo), mas, busca dar um novo “sentido” teórico e prático para a transformação do mundo, ao incluir o espaço como agente de construção das diferenças, das hierarquias de poder e das causalidades do movimento social.

Assim, para Soja (1993), Foucault deu um passo irreversível com sua teoria das “heterotopias”, numa reorientação crítica que promoveu “uma abertura da história para uma geografia interpretativa”. Para Soja, já no livro “A História da loucura na idade clássica”, Foucault demonstrou que a sua genealogia é uma história espacializada. Neste sentido, Foucault não elimina a história, mas, busca ressignificá-la:

O bom historiador, o genealogista, saberá o que é preciso pensar de toda essa mascarada. Não absolutamente que ele a recuse por espírito de seriedade; ao contrário, ele quer levá-la ao extremo: quer encenar um grande carnaval do tempo em que as máscaras retornam incessantemente. [...] A genealogia é a história como um carnaval orquestrado. (FOUCAULT 2005, p. 278)

Foucault está atento para o fato de que as aparências do que entendemos como realidade e mudança, são versões da realidade, são objetos criados pelo pensamento de diversos sujeitos para compreender e interferir no mundo. Neste sentido, podemos compreender o espaço, e a arquitetura por consequência, como um carnaval

de visualidades, um carnaval de temporalidades inscritas no habitat humano, e o arquiteto deverá escavar estes espaços em busca da compreensão de sua conformação, tal qual Walter Benjamin em outras circunstâncias concebeu sua história como uma redescoberta de antigas utopias soterradas pelas classes dominantes, em sua proposta de escovar a História a contrapelo.

O ESPAÇO DA HISTÓRIA

A proposta de Foucault (2005: 261-262) é eliminar o olhar “meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Opõe-se à pesquisa da ‘origem’”, cujos principais expoentes são os iluministas (como em Voltaire e Hegel), que tomam as leis como axiomas, e buscam uma verdade única numa essência absoluta. Onde se poderia colocar esta origem, esse dado fundamental que procuram os historiadores? Segundo Foucault, “simplesmente em uma invenção (Erfindung), em um passe de mágica, em um artifício (Kunststück)”. Foucault explora o ensinamento de Nietzsche de que as coisas são “sem essência”, elas não passam “de uma invenção” .

É neste sentido que podemos compreender os espaços arquitetônicos não como uma realidade dada, ou um fato positivo, mas como uma sucessão de invenções, que para ser compreendida demanda reflexão sobre sua formação ao longo do tempo. A genealogia surge, assim, como um instrumento capaz de investigar o surgimento e a invenção parte por parte da arquitetura, tal qual a vemos como “real”. É preciso traçar seus “inumeráveis começos”, onde “a análise da proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular, nos lugares e recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos.” Esta proveniência não seria uma herança sólida e fechada, mas “um conjunto de falhas, fissuras, estratos heterogêneos que a tornam instável”, encontrando no corpo sua “superfície de inscrição”. O real se torna real, portanto, “na articulação do corpo com a história” (FOUCAULT, 2005: 265-267).

Porém, Rancière (1994) tem uma visão um pouco mais ampla da “hierarquia da descendência”, e ataca a genealogia. No esquema genealógico a evolução é sempre uma redução (que vem da diversidade das origens e chega a um ponto, o primogênito). Assim, há uma subordinação ao passado, pois reduz a construção atual à uma ascendência, uma subordinação do filho à linhagem.

A “poética do saber” de Rancière difere da genealogia de Foucault, porque em vez de ser sempre uma submissão ao saber, ela é uma “apropriação” do saber, como uma “abertura”: o descendente apropria a herança dos pais, mas de forma livre, recriando-a. O arquiteto tem, assim, uma relação não hierárquica com o sábio, ele deve usar este saber, recriá-lo, se emancipar de suas verdades absolutas, brincar com elas, escavando a contrapelo suas heranças.

O LUGAR DA HISTÓRIA

Segundo Rancière (1994), a história conservadora, que busca legitimar o status quo, estaria vinculada a preocupações acontecimentais, buscando a descrição precisa das relações e conflitos dentro do campo da “nobreza”, sendo seu objeto o estudo das “papeladas oficiais” e a sua datação precisa. O centro do processo histórico era concebido, assim, sobre os ombros das grandes figuras e a vida concreta da sociedade era excluída do espaço legítimo do fazer histórico (como se a realidade social não tivesse voz qualificada para interferir no encadeamento dos fatos).

Neste sentido, a maior parte dos esforços empreendidos, hoje, na historiografia da arquitetura cumpre os desfavores de consolidar e estancar a prática, de construir mitos de genialidade a determinados arquitetos, de construir espaços para a nobreza da corte arquitetônica, de hierarquizar em legítima e autêntica a produção vinda dos grandes centros de poder, e de desqualificar como inferior e anacrônica a produção periférica que, ao seu modo, reflete uma condição social concreta e verdadeira.

Além disso, o espaço da história nas escolas de arquitetura não pode mais ser tratado como o espaço de propagação da subserviência a modelos externos, como defende Boaventura Sousa Santos (2001, p. 187-233), ou mesmo como defende Ermínia Maricato em sua crítica às idéias fora do lugar. Entretanto, é importante ter a coragem de ampliar a sua crítica no sentido empreendido por Francisco de Oliveira, com sua crítica a razão dualista, pois, a colonização intelectual não ocorre apenas com as idéias que vem de fora, mas existe, também, uma submissão que ocorre internamente ao próprio país, em que o que é produzido nas grandes capitais é imposto aos demais como verdade (mesmo as histórias que abordam o interior do país apresentam essencialmente a arquitetura de personagens oriundos dos grandes centros).

O LUGAR DA HISTÓRIA NO PROJETO: ESCAVANDO O PASSADO PARA CONCEBER O FUTURO

As estratégias, aqui defendidas, procuram substituir a cientificidade fragmentária produzida pelo conhecimento disciplinar e a “prospectiva” (LEFEBVRE, 1999, p. 63) formada pela concepção linear da história que parte da extrapolação dos dados do presente, e implica a construção de uma nova forma de pensar a história, através do processo de “transdução” (1999, p. 152). Para isso, é preciso transformar os instrumentos intelectuais tradicionais:

A transdução. É uma operação intelectual que pode ser realizada metodicamente e que difere da indução e da dedução clássicas e também da construção de ‘modelos’, da simulação, do simples enunciado das hipóteses.

A transdução elabora e constrói um objeto teórico, um objeto possível, e isto a partir de informações que incidem sobre a realidade, bem como a partir de uma problemática levantada por essa realidade. A transdução pressupõe uma realimentação (feed-back) incessante entre o contexto conceitual utilizado e as observações empíricas. Sua teoria (metodologia) formaliza certas operações mentais espontâneas do urbanista, do arquiteto, do sociólogo, do político, do filósofo. Ela introduz o rigor na invenção e o conhecimento na utopia. (LEFEBVRE, 2001, p.108)

Se a história é ela própria a sucessão das invenções humanas gravadas no espaço, pensar o futuro é formular novas idéias para a realidade social, é construir espaços de esperança, utopias concretas para o mundo, e o papel do arquiteto, enquanto aquele que concebe o espaço a ser vivido, adquire um novo e revigorado papel social.

Em seu livro “A Gramática do Tempo”, Boaventura Souza Santos (2006) empreende uma luta contra a idéia de um futuro infinito, propondo “expandir o presente e contrair o futuro”. O que significaria trocar o futuro infinito (vazio e absoluto) “por um futuro concreto, de utopias realistas”, o qual se manifesta num presente que se expande (aliás, o presente onde toda a vida ocorre, mas que, na modernidade, se torna fugaz e passageiro ao extremo), num presente que não é a hierarquização entre atrasados e avançados, mas formado por temporalidades diversas, todas contemporâneas e qualificadas. Já que torná-las “presente significa serem consideradas alternativas às experiências hegemônicas, a sua credibilidade pode ser discutida e argumentada” (SANTOS, 2006, p. 104). Estabelecer que determinadas sociedades sincrônicas não são contemporâneas é uma forma de dominação, pois “esconde uma hierarquia, a superioridade de quem estabelece o tempo que determina a contemporaneidade.” (SANTOS, 2006, p. 100)

Devemos compreender, pois, o presente da arquitetura como um campo espesso, constituído de temporalidades múltiplas que, para ser recriado, deve ser escavado, revirado, distorcido e, por fim, transformado. Pois, conceber todas estas temporalidades sociais como contemporâneas é uma forma de inclusão do outro por meio de uma nova concepção do tempo, uma forma não linear de considerar o fluxo e a mudança, que o acresce de uma virtualidade mais aberta e democrática.

HISTÓRIA DA ARQUITETURA EM TEMAS REGRESSIVOS-PROGRESSIVOS

A história em Lefebvre é profundamente alterada pela inclusão do espaço no pensamento sobre o tempo, pois esta passa a apresentar múltiplas temporalidades. Como afirma José S. Martins (1996), estas temporalidades seriam as contradições

do passado, que se manifestam no presente: elas seriam formadas por toda a carga histórica de conflitos que permanecem como resíduos e gérmes, sendo preciso a utilização de um método regressivo-progressivo para desvendar suas origens, seus sentidos e suas potencialidades.

Nas histórias produzidas por Lefebvre (MARTINS, 1996, p. 20-21), notadamente em seu estudo do Vale de Campan, ele demonstra como os conflitos não solucionados do passado se apresentam na atualidade como contradições superpostas que dão movimento plural e dinâmico à história e, da mesma forma, múltiplas possibilidades de emancipação podem aparecer simultaneamente, como virtualidades. Neste método regressivo-progressivo, existiriam três movimentos: o primeiro “horizontal”, consistindo na descrição do visível (baseado em teoria e informação) apresentando cada relação social ainda sem tempo; o segundo seria “vertical”, uma análise regressiva no tempo, buscando a decomposição da realidade e a datação de cada relação social e dado cultural, entendidos pelo presente como remanescentes de épocas específicas; e o último seria um reencontro com o presente, elucidado em suas contradições: “A volta à superfície fenomênica da realidade social elucidada o percebido pelo concebido teoricamente e define as contradições e possibilidades do vivido” (MARTINS, 1996, p. 22). Lefebvre (1971, p. 271) propõe, assim, uma superação da história, que levaria a uma “história diferencial”, formada por outras categorias (agora “trans-históricas”), como: trajecto-projecto, discurso-percurso, possível-impossível e diferença-transparência.

Assim, as contradições não são se reduzem a confrontos de interesses entre classes, mas, também, a um desencontro de tempos e possibilidades. Afinal, é preciso também historicizar a problemática das classes como um dado, fundamentalmente importante no século XIX, mas que não é, nem mesmo na teoria de Marx, a contradição necessária e universal dos sistemas sociais. Hobsbawn (1998, p. 166, 168 e 316) afirma que são as “relações sociais de produção [que] são fundamentais, e a existência de contradições internas aos sistemas, das quais o conflito de classe é meramente um caso especial” que, por exemplo, são secundárias na análise de Marx sobre a desestruturação da antiga sociedade romana.

No contexto das disciplinas de história da arquitetura, o objetivo deve ser compreender o percurso da arquitetura ao longo do tempo e desenvolver a capacidade de compreendê-la como um produto histórico-cultural. Estes objetivos foram testados na disciplina História da Arquitetura 1, que insere-se no Núcleo de Conhecimentos Profissionais do currículo do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás, no segundo semestre, com um encontro semanal de quatro horas, perfazendo um total de 64 horas. A disciplina faz parte de uma seqüência de três disciplinas, sendo precedida por duas introduções à arquitetura e continuada através de diversas disciplinas teóricas posteriores.

A proposta da disciplina busca, inicialmente, familiarizar os alunos com os con-

teúdos conceituais e factuais do da temática (o movimento horizontal sobre a realidade do tema), o que é feito por meio de aulas expositivas dialogadas, seminários e discussão de textos indicados. A partir daí estimula-se outros mecanismos de motivação para o conteúdo histórico, investindo em trabalhos engajados em estratégias de integração de conteúdos: a produção de trabalhos sobre a herança clássica na arquitetura contemporânea e um estudo aprofundado de obras referenciais através da produção de maquetes.

O formato deste primeiro trabalho busca a integração com as disciplinas de representação e de informática, utilizando-se dos meios de expressão visual em estudo. Além disso, estabelece uma formatação que evita a utilização não refletida de informações (hoje de fácil acesso e plágio via internet), já que a apresentação em folder limita o número de palavras e obriga a um esforço de síntese e reflexão.

Na apresentação dos trabalhos desta primeira estratégia, ministrada em uma disciplina que discute os séculos XVI e XVII, os trabalhos buscam explorar temas (trans) históricos (como o clássico, o anticlássico, a persuasão, etc.) em sua relação com um tema arquitetônico (equilíbrio, geometria, tensão, vaporoso, véu, etc.) de forma a traçar paralelos entre a produção de um arquiteto atual e a arquitetura histórica.

Dessa forma, rompe-se com os antigos preceitos da história linear e objetiva-se fazer com que o aluno construa uma ponte entre o conteúdo histórico da disciplina e a produção arquitetônica de hoje. Isto os permite compreender como arquitetos contemporâneos são influenciados, se inspiram e, mesmo, estão submersos na produção arquitetônica do passado, esclarecendo que os procedimentos da arquitetura assentam-se na longa duração. Além disso, os fazem analisar criticamente a linguagem arquitetônica contemporânea, entendendo-a como um construto histórico e identificando os elementos que foram construídos paulatinamente pela ação concreta de arquitetos como eles mesmos serão. Isto desmitifica o estado atual da arte, e os permite interferir nesse processo.

Na outra estratégia, através da produção de maquetes, investiga-se em profundidade os elementos constituintes de uma obra arquitetônica relevante no período estudado. Isto visa abarcar o conteúdo histórico através de uma representação intuitiva e direta, oferecendo ao aluno a possibilidade de construir uma relação idiossincrática com a arquitetura histórica. Ajuda-o a analisar criticamente e conhecer os pormenores da obra, para que ele possa construir entendimentos próprios e influenciar sua atuação profissional (assim como fizeram os arquitetos estudados no trabalho anterior).

No processo de produção da maquete, os alunos aprendem a pesquisar informações de representação da obra; aprendem noções de escala e planificação de volumes; aprendem o uso de diversas técnicas de fabricação de protótipos; além de aprofundar no estudo de um objeto específico, rompendo com os antigos campos dis-

ciplinares. Por fim, o aluno deve entregar um relatório contendo: uma análise e uma crítica da obra; considerações sobre ensinamentos e valor da obra estudada para os dias de hoje; e croquis e esquemas formais interpretando conteúdos presentes nas formas arquitetônicas.

Estratégias similares podem ser empregadas na disciplina de projeto como no caso de uma proposta que trata de dois temas projetuais: a moradia e o comércio.

HISTÓRIA DA ARQUITETURA NO PROCESSO DE PROJETO

A disciplina Projeto de Arquitetura 3 insere-se no Núcleo de Conhecimentos Profissionais do currículo do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás, no quinto semestre, com dois encontros semanais de quatro horas cada, perfazendo um total de 128 horas. O Projeto de Arquitetura 3 faz parte da seqüência das disciplinas de projeto de arquitetura, sendo precedida pelo Projeto 1 e 2 que dedicam, respectivamente, a questões formais e funcionais. A ênfase nas questões referidas não exclui a visão global do ato de projetar.

Além dessas disciplinas, o aluno já cursou Introdução à Arquitetura 1 e 2, História da Arquitetura 1,2 e 3, Conforto 1, Sistemas Estruturais 1, Paisagismo, Topografia, Cultura, Cidade e Arquitetura, Informática Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo 1,2 e3, e todas aquelas do Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação . No quinto semestre, o aluno cursa Projeto 3 em concomitância com Conforto Ambiental 2, Arquitetura no Século XXI, Arquitetura de Interiores, Introdução ao Urbanismo e Sistemas Estruturais 2.

Esta disciplina possui a seguinte ementa:

Exercício(s) de projeto promovendo a compreensão e o domínio das relações entre programa, sítio, entorno construído e/ou natural, e a composição do espaço arquitetônico típico e seu equipamento. Estudo de problemas funcionais, formais, conceituais e metodológicos de organização e construção do espaço arquitetônico e seus componentes. Discussão crítico-comparativa das soluções elaboradas pelos alunos. Temas de projetos de média complexidade, enfatizando a exploração tipológica, sua evolução histórica e relações com a morfologia urbana (FROTA et alii, 2009, s/p).

Diante da ementa, coloca-se como objetivo geral “desenvolver uma base metodológica e processual para o projeto de arquitetura, enfatizando a relação entre arquitetura e desenho urbano, articulando-os com as questões tipológicas, históricas, de morfologia urbana, plásticas, técnicas, construtivas e contextuais” (OLIVEIRA, AMARAL, 2010, p.1).

Para que o objetivo fosse atingido, elabora-se o conteúdo a partir da eleição

dos temas dos exercícios projetuais: uma residência unifamiliar e um local de comércio e prestação de serviços.

No tema da moradia, os alunos são convidados a explorar a casa a partir de sua história, compreendendo-a como artefato constituído ao longo do tempo e identificando, no caso brasileiro, as diversas contribuições culturais que a ergueram, reconhecendo na relação entre sociedade e objeto a miscigenação de culturas. Além disso, os alunos pesquisam, usando o conceito de tipo, a construção e transformação dos modos de morar e suas especificidades em diversos países (explorando textos de Colquhoun, Rossi, Martinez, Argan, Tramontano). Este conhecimento histórico permite aos alunos construir um entendimento crítico frente à produção habitacional contemporânea, desvendando a origem de seus modelos e tipos, resgatando soluções, transformando tipologias, e propondo novas formas de habitar.

A primeira etapa consistiu em leituras propícias à reflexão teórica, direcionadas ao exercício de projeto, realizadas em grupos de até quatro alunos. A discussão acerca de tipologia partiu dos textos Sobre a tipologia em arquitetura de Giulio Carlo Argan, Arquitetura da cidade de Aldo Rossi, Ensaio sobre o projeto de Afonso Corona Martinez e Proyecto e Analisis de Bernard Leupen. Sobre morfologia urbana, a leitura foi a de Jose Ressano G. Lamas. Especificamente sobre os espaços residenciais e comerciais brasileiros indicou-se a leitura da História da Casa Brasileira de Carlos Lemos, A dimensão simbólica da Arquitetura de Cláudia Vial Ribeiro e Matéria, Idéia e Forma de Elvan Silva.

Após essas leituras, de caráter mais geral, iniciou-se a análise de similares para o projeto da residência. Ainda em grupo, os alunos selecionam uma casa vernácula, uma casa projetada por um arquiteto brasileiro e outra por um arquiteto internacional e as analisam enfocando questões como o lugar, o programa, a construção, o partido e a forma, partindo da organização metodológica apresentada no texto Reflexões sobre a construção da forma pertinente de Edson Mahfuz.

O objetivo foi construir as bases de uma leitura horizontal e vertical do tema, permitida através de um debate coletivo de todos os trabalhos, apresentados debatidos em pranchas, o que possibilitou a interação e troca de conhecimentos. Os resultados foram muito satisfatórios, pois os alunos perceberam, por meio da análise comparativa, a tipologia e a morfologia das casas e sua relação com o lugar em que estão inseridas.

Alguns destes trabalhos construíram percepções muito ricas sobre o espaço da habitação e sua evolução, como demonstra os exemplos a seguir. No trabalho intitulado “O que é uma casa?” (CARVALHO, BRITO, ELEIDA, 2011 ,Ilustração 01) as alunas questionaram a essência da casa, estudando como diferentes obras, de diferentes arquitetos, em diferentes tempos, construíram sentidos diferentes para o habitar.

o que é uma casa?



Ilustração 01: Tema de pesquisa construído pelos alunos. Fonte: CARVALHO, BRITO, ELEIDA, 2011.

No trabalho “A casa não é uma árvore” (NAHAS, MORTARI, GUIMARÃES, DIAS, 2011, Ilustração 02) os alunos, partindo de um texto de Christopher Alexander, confrontaram o esquema funcional da arquitetura moderna (hierarquizado, setorizado, com circulação controlada e ramificada) ao estudo de uma habitação vernácula da cidade de Pirenópolis, em que as ligações entre os diversos ambientes eram complexas e múltiplas como uma rede, confrontando também com uma proposta contemporânea em que o espaço contínuo e integrado elimina as diferenciações e a identidade de ambientes e atividades.

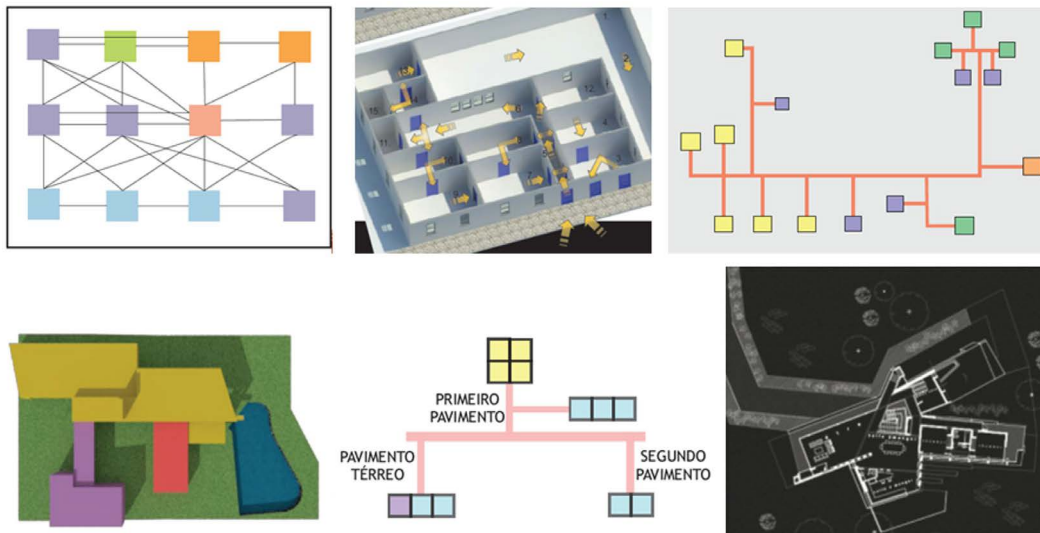


Ilustração 02: Estudos da estrutura funcional de três casas de épocas diferentes. Fonte: NAHAS, ; MORTARI,.; GUIMARÃES, ; DIAS, , 2011.



Ilustração 03: Análise de diversos aspectos de três casas. Fonte: PERINI; MONIOS; LEÃO: CARTO, 2011.

A segunda etapa do projeto inicia-se com a escolha de um terreno, feita pelos orientadores, e de um perfil preliminar dos moradores, assim como uma área estimada da futura residência. A família é composta por seis pessoas: o pai Roberto (Bob), a mãe Joana, o filho mais velho Jimi, a filha Janis e a filha caçula Moon, e a avó materna Dulce, que mora com a família há dez anos. Além dos membros permanentes, a família conta sempre com a ajuda de uma secretária doméstica e de um jardineiro. O mais novo componente da família é um cão da raça labrador chamado Hendrix.

Em seguida, os alunos efetuam a leitura do lugar onde será projetada a casa e estabelecem o seu programa, interpretando, o perfil preliminar dado, a partir das reflexões anteriormente realizadas. O roteiro e o conteúdo sugerido é:

- Interpretação do tema.
- Organização do programa; Relações do programa; Qualificação/pré-dimensionamento dos ambientes: croquis de layout, ergonomia e ambientação
- Lugar:
 - Situação: parcelamento, terreno, topografia, postes, bueiros, árvores, etc.
 - Entorno: ocupação e uso do solo, edifícios do entorno, marcos, tipologias, gabarito
 - Vias: vistas, tráfego, acessos possíveis, ligação c/ centralidades, etc.
- Considerações sobre: Problemas, Potencialidades, orientação solar.

(OLIVEIRA, AMARAL, 2010, p.2)

Após os estudos, o aluno entrega o partido arquitetônico, com maquete física, que é avaliado coletivamente. A partir de então aprofunda seu exercício, com orientações individuais e coletivas, até a entrega do projeto de arquitetura em fase de estudo preliminar. O produto a ser entregue – plantas baixas, cortes, fachadas, perspectiva, implantação, cobertura, memorial explicativo, maquete física e/ou digital – é apresentado para a turma e avaliado pelos professores em banca, como nos exemplos a seguir.

Na “Casa Pavilhão”, da aluna Raiane Dias, Ilustração 04, o jogo entre fluidez do espaço, intimidade e exposição, continuidade e ruptura, é associado a uma continuidade formal que constrói um único percurso visual, cuja curvatura em planta se adapta à topografia do terreno, ao mesmo tempo que constrói um espaço semi-público separado do espaço íntimo dos fundos.

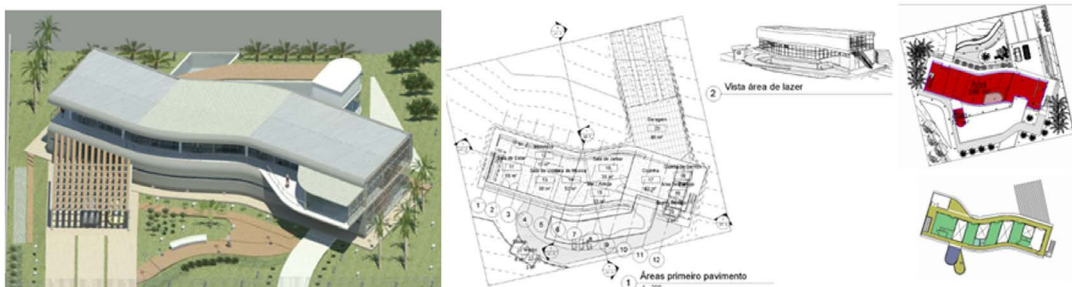


Ilustração 04: A casa enquanto espaços em transição. Fonte: DIAS, 2011.

Na “Casa Curva”, de Isabela Brito, Ilustração 05, a unidade formal associada à uma originalidade tipológica, demonstra força e coesão numa proposta sintética e sistemática. O edifício é proposto como objeto, e busca jogar com o limite do reconhecimento e da essência do habitar, construindo uma proposta ousada.



Ilustração 05: A casa enquanto objeto. Autor: BRITO, I.. Acervo pessoal.

Na “Casa de Barro”, de Mathias Monios, Ilustração 06, o espaço da casa é dividido em planos (de taipa de pilão) que coordenam circulações multidirecionais e sobrepostas, reinterpretando o uso da técnica tradicional como elemento estruturador e estético. O resultado é uma casa cujos traços da história são recriados poeticamente.



Ilustração 06: A casa enquanto espaços recortados. Fonte: MONIOS, 2011.

Na “Casas Pátio”, de Laís Midori, Ilustração 07, a aluna procura sutil e sensivelmente reconstruir a tipologia elementar da casa numa multiplicação de similitudes, buscando a sobreposição de reflexos de uma mesma aparência, contrapondo ao centro o pátio como um espaço ordenado e simples, sereno e aconchegante.

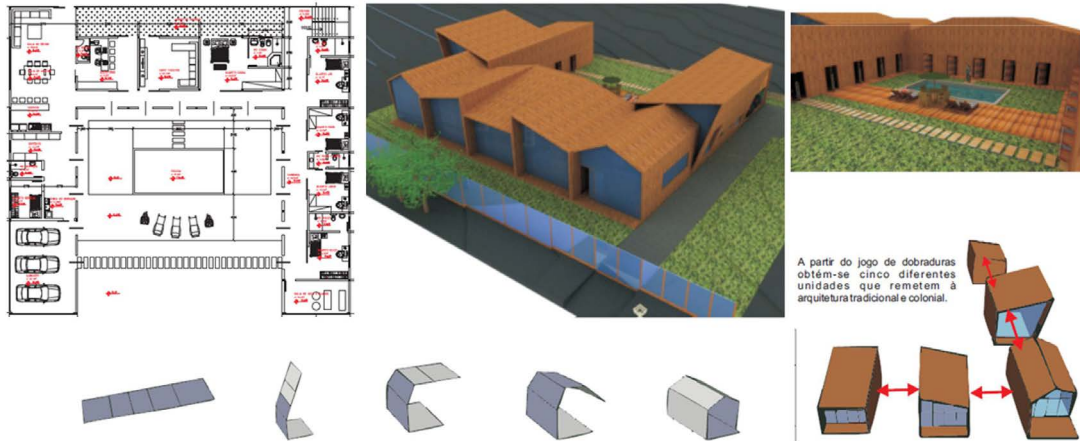


Ilustração 07: A casa de dobrar e de montar. Fonte: MIDORI, 2011.

Na “Casa Recasa”, de Paulo Gustavo Perini, Ilustração 08, a investigação busca recompor de maneira original os elementos formais do modernismo e da arquitetura vernácula, reconstruindo a tipologia da casa pátio, ao mesmo tempo que institui uma unidade de forma pela própria deformação da rigidez dos tipos originais.



Ilustração 08: A casa enquanto reconstrução de tipologias. Fonte: PERINI, 2011.

Na “Casa Explodida”, de Priscila Mascarenhas, Ilustração 09, o exercício inicia a busca de uma ruptura da unidade regular da casa através da fragmentação e explosão dos espaços fechados que, paradoxalmente, recriam uma unicidade entre exterior e interior.

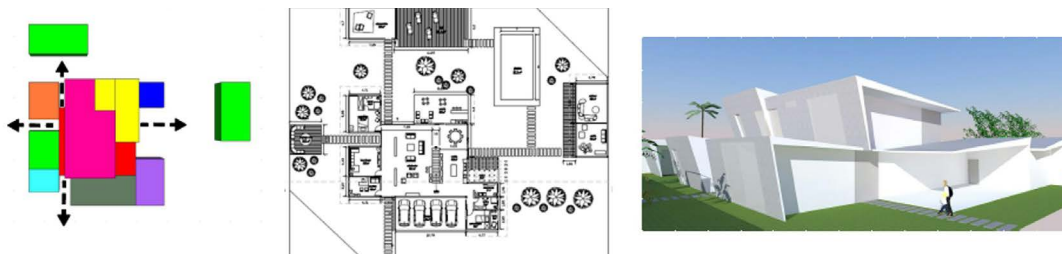


Ilustração 09: A casa enquanto espaço em expansão. Fonte: MASCARENHAS, 2011.

Os resultados alcançados, enquanto exercícios reflexivos e criativos, foram muito satisfatórios, pois se reconhece a aplicação das leituras iniciais em processos de projeto idiossincráticos. A história e o estudo tipológico aplicado ao projeto se mostraram uma ferramenta importante na construção de novas formas de organização do

espaço habitacional. As análises preliminares, aliadas ao estudo específico do programa e do lugar, proporcionaram reflexões e opções projetuais que dialogaram com a tipologia e morfologia encontradas no entorno, sem intimidar a criação de proposições novas.

No tema de comércio, os alunos foram convidados a explorá-lo como um espaço de trocas e um espaço de trabalho. Para isso, desenvolvem pesquisas sobre o significado das trocas (materiais e imateriais, simbólicas e econômicas) e pesquisas sobre a separação (alienação) do espaço de trabalho frente ao espaço vivido, compreendendo sua evolução a partir das transformações sociais, econômicas e culturais do momento moderno e contemporâneo, usando a metodologia da escola regulacionista (HARVEY, 2004; GRAMSCI, 2007; BOYER e SAILLARD, 1995).

O processo de projeto, do complexo gastronômico, seguiu o mesmo encaminhamento, com a diferença que a análise de similares foi substituída por estudos dirigidos que contemplavam vários aspectos que seriam imprescindíveis para o projeto, devido à complexidade do tema, e que em seu conjunto constituem uma tipologia em mutação. Esse exercício foi realizado por grupos de alunos e discutidos em sala. Além da apresentação, as pranchas ficaram coladas nas paredes da sala e foram úteis no decorrer dos estudos de projeto.

Nesse caso, o perfil do complexo era livre, apenas com limitação em função do recurso disponível para o empreendimento. Assim, o programa foi elaborado a partir da reflexão inicial sobre o tema. O terreno escolhido foi um espaço em grande transformação na cidade, que tem passado de uma área residencial a um uso de alimentação e lazer.

O complexo gastronômico gerou uma área em torno de 2.000 m², o que se tornou uma dificuldade para alguns alunos. A complexidade do tema e a sua dimensão geraram mais dificuldades de interpretação e solução arquitetônica, ao contrário da casa. É possível que o exercício de projeto voltado para questões históricas e tipológicas, no quinto período de um curso de arquitetura, requisite complexidades, assim como áreas projetadas, menores. Apesar disso, reconhecem-se estudos preliminares de projeto de arquitetura de alto nível, como os dos alunos Paulo Gustavo Perini e Matias Monio, Ilustrações 10 e 11.



Ilustração 10: Trabalho Complexo Gastronômico. Fonte: PERINI, 2011.



Ilustração 11: Trabalho Complexo Gastronômico. Fonte: MONIOS, 2011.

APONTAMENTOS OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência revela que associar ensino e pesquisa pode construir novas perspectivas sobre temas clássicos da arquitetura, e aponta caminhos para estudos posteriores. Buscar a integração de conhecimentos de áreas tradicionalmente organizadas de forma dissociada, também, demonstra possibilidades de inovação para o campo do conhecimento e para a produção arquitetônica.

O processo de projeto entendido como a construção de espaços alternativos àqueles herdados, é um processo que depende de uma reflexão histórica e de uma perspectiva poética frente à realidade desta mesma história.

Nesta história da arquitetura, ou nesta história aplicada à arquitetura, a catalogação, a descrição e o conhecimento enciclopédico, perdem espaço para a apropriação criativa da genealogia constitutiva dos espaços sociais. Esta história aplicada revela-se um instrumento que articula e nivela aquilo que se chama de “elite da arquitetura”, com experiências da arquitetura vernácula (e outras), demonstrando que o processo de confrontação e interpretação pode revelar outras histórias, histórias soterradas sobre as histórias de arquitetos reis, arquitetos príncipes e arquitetos geniosos, assim como seus historiadores correspondentes (os bons relatores da corte).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T., HORKHEIMER, Conceito de Iluminismo. In: Adorno - Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 17-62.
- BAUMER, F. L.. O pensamento Europeu Moderno - Volume I. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 183-205; p.207-226.
- BOYER, Michel, SAILLARD, Yves (Orgs.). Théorie de la régulation. Paris: s.e., 1995.
- BRANDÃO, C.A.L. A Arquitetura no Renascimento: entre a disciplina e a indisciplina. In: OLIVEIRA, Beatriz Santos de et al (Orgs.). Leituras em teoria da Arquitetura. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009. vol.1. Coleção PROARQ. p.24-45.
- BRITO, I. A casa curva. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.
- CARVALHO, A., BRITO, I., ELEIDA, I. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.
- COÊLHO, I. M. A universidade, o saber e o ensino em questão. In: VEIGA, I. P. A., NAVES, M. L. P. (Orgs.) Currículo e Avaliação na Educação Superior. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005. p. 53-77.
- DIAS, Raiane. A casa pavilhão. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.
- ENGELS, F. & MARX, K. A ideologia Alemã (Primeiro Capítulo). Versão eBooksBrasil.com. Edição Ridendo Castigat Mores. Fonte digital Rocket Edition, 1999. [1846]
- ESCOBAR, A. Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências. In: Santos, B. S. (Ed.) Conhecimento Prudente para uma Vida Descente - 'Um Discurso sobre as Ciências Revisitado'. São Paulo: Cortez, 2004. p.639-666.
- FAGUNDES, N. C.; BURNHAM, T. F. Transdisciplinaridade, Multireferencialidade e Currículo. Revista da FAGED, n. 5, p. 39-55, 2001.
- FOUCAULT, M. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos & Escritos II. Trad. Elisa Monteiro. 2a edição. Rio Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2005.
- FROTA, J. A. D. (Coord.). Curso de Arquitetura e Urbanismo: Projeto Político e Pedagógico. FAV/UFG. Goiânia, mimeo, out. 2008.
- GRAMSCI, A. The Concept of 'Historical Bloc'. In: Prison Notebooks. s.d.; s.p. Disponível em: http://www.marxists.org/archive/gramsci/prison_notebooks/reader/q10ii-41.htm. Acessado: 11 dez 2007.

HARVEY, D. Espaços de Esperança. Trad. A. U. Sobral e M. S. Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

_____. Justice, Nature and the Geography of Difference. 2a edição. Oxford: Blackwell, 2000.

HOBSBAWN, E. Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.155-170.

LEFEBVRE, H. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. A Vida Cotidiana no Mundo Moderno. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

_____. O fim da história. Trad. Antonio Reis. Lisboa: Dom Quixote, 1971.

_____. O Direito à Cidade. Trad. R. E. Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MARCUSE, H. A ideologia da Sociedade Industrial (Tradução de "One dimensional man"). Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1967.

MARTINS, J. S. Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, K. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. Versão eBooksBrasil.com. Edição Riden-do Castigat Mores. Fonte digital www.jahr.org, sem data [1852].

MASCARENHA, P. A casa explodida. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

MIDORI, L. A casa pátio. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

MONIOS, M. J.. Complexo gastronômico. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

_____. A casa de barro. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

NAHAS, M., MORTARI, C., GUIMARÃES, M., DIAS, R. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L. Plano de Curso Projeto de Arquitetura 3, Edital de Lançamento do Tema 1. Disciplina Projeto de Arquitetura 3, FAV/UFG, Goiânia, mimeo, 2010.

PERINI, P.G.. Complexo gastronômico. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

_____. A casa recasa. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

PERINI, P.G., MONIOS, M.J., LEÃO, R., CARTO, P.G.. In: OLIVEIRA, A. M. V., AMARAL, C. V. L.. Trabalhos de alunos da Disciplina Projeto de Arquitetura 3. 2011. Acervo digital.

RANCIÈRE, J. Os Nomes da História - Um Ensaio de Poética do Saber. São Paulo: Pontes, 1994.

SANTOS, B. S. A Gramática do Tempo - Para uma Nova Cultura Política - Col. Para um Novo Senso Comum - Vol. 4. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Pela mão de Alice - O social e o político na pós-modernidade. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007.

SINGER, P. Globalização e desemprego; diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

SOJA, E. Geografias Pós-modernas - A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Recebido em: 12/09/2019

Aprovado em: 16/10/2018

Publicado em: 29/11/2019